



MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

www.assis.unesp.br/miscelanea

Miscelânea, Assis, vol.7, jan./jun.2010



CLONES *VERSUS* PESSOAS “NORMAIS”

Priscilla Pellegrino de Oliveira
(Mestranda — UERJ)

ISHIGURO, Kasuo. *Never let me go*. New York: Vintage Books, 2006.

O autor britânico Kazuo Ishiguro, nascido no Japão em 1954, já recebeu diversos prêmios de literatura desde que publicou seu primeiro livro em 1982, *A Pale View of Hills*. Dois deles foram o “Whitbread Prize” em 1986 — pelo romance *An Artist of the Floating World* e o “Booker Prize”, em 1989, por *The Remains of the Day*. Seu sexto romance, *Never Let Me Go*, traduzido para o português como *Não me abandone jamais*, publicado em 2005, foi indicado a vários prêmios literários tais como o “Booker Prize” (2005) e o “Arthur C. Clarke Award” (2005), vencendo o “ALA Alex Award” em 2006. Foi considerado pela revista “Time” um dos melhores romances entre 1923 e 2005. Atualmente está sendo gravada uma adaptação do livro para o cinema, a ser lançada em 2010, com título homônimo.

A história de *Não me abandone jamais* começa com a seguinte frase: “Inglaterra, fim dos anos 1990”, o que de início, já introduz o cenário, mostrando que se trata de uma história alternativa. Ao começarmos a leitura do livro somos apresentados à Kathy H., principal personagem e narradora dos fatos. O que sabemos nesse momento é que ela é uma espécie de enfermeira há onze anos, que cuida de pessoas chamadas “doadoras”, embora não

saibamos de que. Ela inicia, então, a contar sua história desde a infância em um internato até os acontecimentos mais recentes. A princípio tem-se a sensação de que se trata de um orfanato, onde crianças são educadas até serem doadas a quem as quisesse adotar. Mas o verdadeiro objetivo desse lugar e a origem dessas crianças serão revelados aos poucos ao longo da história, deixando o leitor curioso e incrédulo ao constatar que esses personagens são vítimas de um projeto nefasto para seus participantes, embora eles não tenham essa percepção.

A primeira parte do romance descreve a vida de Kathy e seus dois melhores amigos, Ruth e Tommy, no internato cujo nome é *Hailsham*. Tudo o que eles sabem é que não são como as pessoas “normais”, que não tem família e que estão ali para cumprir uma missão importante. Nesse lugar, as crianças são educadas e incentivadas por seus “guardiões” a desenvolver seu lado artístico. Elas devem se expressar em desenhos e pinturas que serão levados a uma mulher conhecida apenas como “Madame”. Além disso, recebem atenção especial em relação à sua saúde e ao seu bem estar físico e mental. Por não saberem ainda qual será seu destino, esses meninos e meninas sonham ingenuamente com seus futuros e fazem planos para a vida adulta.

Através da narrativa de Kathy, conhecemos Ruth como uma garota impulsiva e dominadora que não admite ser contrariada. Suas opiniões a fazem parecer madura e experiente. Tommy, por outro lado, é um menino tímido, sem muitas aptidões artísticas, e introspectivo, que se deixa manipular pela futura namorada, Ruth. Mais tarde, esse círculo de amizades se transforma em um triângulo amoroso.

Um dos acontecimentos mais esperados em *Hailsham* é um tipo de feira de troca que acontece eventualmente, em que as crianças podem trocar objetos seus por objetos ou roupas trazidas de fora do internato. É uma maneira de permitir aos internos um contato com o mundo exterior. Numa dessas feiras, Kathy adquire uma fita cassete chamada “Songs after dark”, contendo uma música chamada “Never let me go”, da cantora fictícia Judy Bridgewater. É dessa canção que vem o título do livro, pois o episódio que se

segue é um dos mais emocionantes do romance: Ao ouvir tal canção, Kathy abraça um travesseiro como se fosse uma criança e imagina que a cantora pede em seus versos que seu bebê não a deixe. Pela porta entreaberta, Madame a observa e chora.

Durante toda a história, tomamos conhecimento apenas daquilo que os personagens sabem, já que o romance é narrado em primeira pessoa, sob o ponto de vista de Kathy. Aos poucos, então, ficamos sabendo quem são essas pessoas e para onde elas devem ir. Certamente, essa aproximação causa uma empatia do leitor com a posição dos personagens.

Na segunda fase do romance, já adolescentes, os “alunos” se mudam para uma casa de campo onde tem um pouco mais de liberdade. Eles podem dirigir, visitar outros lugares e fazer compras, mas não devem se relacionar com as pessoas “normais”. Ali, eles têm pouco conforto e quase nenhuma vigilância, até porque ela não é mais necessária. Os meninos e meninas já estão conformados com seu destino, sabem que sua estada naquela casa é um período intermediário entre a infância e o cumprimento de sua sorte.

Nesse lugar, os adolescentes se relacionam uns com os outros sexualmente e vão amadurecendo física e mentalmente, recebendo a responsabilidade de cuidar de si próprios e uns dos outros. Aqui eles já sabem que não tiveram família, que não podem ter filhos e que escapar de seus destinos é praticamente impossível. Eles têm conhecimento, também, de que são clones e passam a procurar pela cidade e em revistas seus possíveis “originais”, numa busca inútil por uma identidade.

Após esse período de transição da casa de campo, os internos serão encaminhados a cumprir seus nobres deveres: doar órgãos para pessoas “normais” até finalizarem, ou seja, morrerem. Alguns deles devem ser enfermeiros antes de começarem a doar, outros se tornam doadores de imediato. Assim, Ruth e Tommy são encaminhados para as doações e Kathy vira uma enfermeira temporária. Nesse momento, Kathy e Tommy já estão namorando e ouvem rumores de que há casos em que os doadores podem conseguir um adiamento da execução de seus fardos. Com isso, eles procuram

as ex-guardiãs de *Hailsham*, Miss Emily e Madame, as quais os recebem e dizem que seus destinos são inevitáveis e inadiáveis. Através desse encontro, o casal também fica sabendo que *Hailsham* era um lugar experimental. A maioria dos clones utilizados como doadores eram criados em alojamentos públicos como se não fossem pessoas. O objetivo de *Hailsham* era provar para a sociedade que esses clones sentiam e eram capazes de criar e amar como qualquer outro ser humano. Por isso, a importância à arte e à educação.

Esse encontro é um momento decisivo no romance, pois é a partir dele que tanto os personagens quanto o leitor perdem as esperanças de recuperar as vidas perdidas dos meros doadores de órgãos dessa história. Além disso, essa reunião é aproveitada por Kathy para indagar a Madame o porquê de seu choro ao vê-la cantar e dançar ao ouvir a música "Never let me go", anos atrás. Madame responde que sua tristeza era devida ao fato de ver uma garotinha pedindo para não ser levada dali.

Nas últimas passagens da história, voltamos ao início da narrativa de Kathy, já com trinta e um anos e sozinha. Ruth e Tommy já haviam morrido, após três ou quatro doações, e ela esperava sua vez resignadamente. Assim, o romance termina deixando uma sensação de irresolução e angústia.

Ao dar a sua obra um tom de suspense e melancolia, Ishiguro consegue causar, ao mesmo tempo, um sentimento de empatia e revolta no leitor com a demonstração de um mundo científico e tecnologicamente cruel. Entretanto, não se trata de um romance de ficção científica futurista, mas sim de uma história alternativa e paralela à nossa. Primeiro, pela proximidade temporal; segundo, pela probabilidade do uso maléfico da ciência e da tecnologia em nome da "cura" de doenças ou em busca de soluções paliativas para uma sociedade gananciosa e doente. A conformação dos doadores nos choca, assim como a naturalidade com que a sociedade parece aceitar tal condição no momento em questão. Tal hipótese nos leva a pensar se vivemos mesmo num mundo capaz de cometer tais atrocidades.

Resenha recebida em 28/06/2009 e publicada em 13/04/2010.